

MULHERES GORDAS: GORDOFOBIA E FALTA DE ACESSIBILIDADE COMO QUESTÃO MORAL.

Maria Luisa Jimenez Jimenez
Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea – UFMT
Pós doutoranda em Psicossociologia – EICOS - UFRJ.
malujjimenez@gmail.com

Simpósio Temático nº 30 – PESQUISA GORDA

RESUMO

O tamanho, peso, massa e percentagem de gordura são considerados feios, anormais, doença, dentre outras características socialmente desvalorizadas, o que se configura em um estigma chamado gordofobia que afeta, dentre outras coisas, a acessibilidade em vários níveis. Para compreender como isso é vivenciado por mulheres gordas, analisei depoimentos obtidos por meio de entrevistas presenciais e debates virtuais usando como critério a falta de acesso aos espaços urbanos, aos bens de consumo, às afetividades e aos bens de saúde. A análise me permite afirmar que a falta de acessibilidade que essas mulheres encontram as impedem de exercer uma vida no exercício pleno de seus direitos em razão de questões principalmente morais.

Palavras-chave: Mulheres Gordas. Gordofobia. Falta de Acessibilidade. Questão Moral. Perda de Direitos.

ABSTRAT

The size, weight, mass and percentage of fat are considered ugly, abnormal, disease, among other socially devalued characteristics, which is configured in a stigma called fatphobia that affects, among other things, accessibility at various levels. To understand how this is experienced by fat women, we analyzed testimonies obtained through face-to-face interviews and virtual debates using as a criterion the lack of access to urban spaces, consumer goods, affection and health goods. The analysis allows us to affirm that the lack of accessibility that these women encounter prevent them from exercising a life in the full exercise of their rights due to moral and aesthetic issues.

Keywords: Fat Women. Fatphobia. Lack of Accessibility. Moral Matter. Loss of rights.

Introdução

O corpo feminino, de alguma maneira, sempre esteve ligado a padrões de beleza, identificando, a partir dela ou na sua falta, se o corpo possui elegância, saúde, riqueza, ou, ao contrário, é desajeitado, doente ou pobre. O corpo, portanto, pode ser considerado um cartão de visitas, provocando em seu observador alguns prejulgamentos. Mesmo que

possamos nos equivocarmos com as aparências, e todos sabem disso, elas são relacionadas a qualidades morais positivas ou negativas. Dependendo da valorização cultural de tipo de corpo feminino enaltecido na época vigente, ele causará uma boa ou má apreciação. Houve uma época na história em que corpos abundantes e grandes eram considerados saudáveis, vistosos, com requinte e demonstravam ares de riqueza.

Já hoje, mulheres gordas são mal vistas na sociedade. Muitas vezes, as exclusões a que os gordos são submetidos em termos físicos, psicológicos, afetivos, morais dentre outras esferas são difíceis de identificar porque aparecem sob a forma de uma preocupação com a saúde, capital altamente valorizado na sociedade contemporânea e visto como responsabilidade individual. (LIPOVETSKY, 2016).

Apenas na década de 1970, junto aos *fat studies* nos Estados Unidos, a exclusão desses corpos passa a ser pensada como uma questão social e política e não como um problema individual de distúrbio alimentar, falta de controle ou força de vontade e descompasso psicológico, dentre outros entendimentos de um corpo “desviante”, preguiçoso e doente.

Quando se percebe que a questão ultrapassa os níveis individuais, apesar de serem sentidos nas peles e mentes de cada indivíduo, passam a se articular movimentos sociais e estudos que questionam a estigmatização violenta sofrida por pessoas gordas, a que passou a ser chamada de gordofobia, termo que vem sendo difundido rapidamente, contudo na maioria das vezes superficialmente, sem a devida atenção e cuidado que o fenômeno merece.

A gordofobia é percebida como um processo de estigmatização, tal como acontece com outros tantos corpos, como os casos discutidos por Erving Goffman (1975) em seu clássico estudo sobre o estigma.

A gordofobia é uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea. Esse prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensas e restrições aos corpos gordos de modo geral. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. 3).

O estigma faz com que as pessoas gordas sejam excluídas do direito de ir e vir, do direito sobre os próprios corpos, de estar em espaços públicos e/ou privados, além de lhes serem atribuídos toda a sorte de qualidades negativas, como preguiça, descontrole,

descuido, fealdade, repulsa, etc. “Por isso, a obesidade, nas sociedades ocidentais, deve ser considerada como uma verdadeira desvantagem social.” (POULAIN, 2013, p.120).

Essa estigmatização acontece com todas as pessoas gordas, mas as mulheres acabam sofrendo mais com esse preconceito, pelo fato de nossa sociedade ser patriarcal e autovalorizar a concepção de beleza e saúde feminina na padronização de um corpo magro.

A violência do estigma gordofobia é sistêmica, portanto, difícil de ser superada por corpos que são maltratados, invadidos e humilhados desde suas infâncias. Trata-se de mulheres com corpos e mentes em sofrimento, que muitas vezes não conseguem mais lidar com a discriminação vivenciada durante anos de modo estrutural e institucionalizado, além de carregar a culpa por ter um corpo gordo odiado socialmente.

Entendemos por moralidade nesse contexto, como violência já que humilhar uma pessoa gorda por ela não “entrar, caber” em bens materiais, “(...) significa uma diminuição da estima em si, do sentimento de unidade interior, de integridade; é capaz de desintegrar a vida psíquica, desvelando a vulnerabilidade do indivíduo”. (DOURLEN, 200, p.85).

A moral aqui é entendida filosoficamente como um conjunto de hábitos, costumes e ideias construídos socialmente, no processo civilizatório, portanto de acordo com a cultura histórica e social, em que algumas instituições influenciam esse conjunto de hábitos, pensamentos e costumes, a política, ciência médica, a religião, por exemplo. Preceitos que determinam normas, regras, proibições e permissões, a moral é uma espécie de conduta social que indica se o que é certo ou errado, bom ou mau, feio ou bonito, doente ou saudável naquele tempo histórico e naquela localização social. Pois bem, se vivemos numa sociedade estruturalmente gordofóbica, nossa moral sobre as pessoas gordas é construída, a partir da ideia de que toda pessoa gorda é inferior, por ser doente, incapaz, sujo, feio, etc.

A partir desse raciocínio, neste artigo, o objetivo é discutir como a gordofobia afeta especificamente a acessibilidade das mulheres gordas. Assim, por meio da análise de depoimentos diretos e em redes sociais, durante os anos de 2015 a 2021, recortei, para essa análise, as narrativas exclusivamente sobre a dimensão da falta de acesso: aos espaços urbanos, aos bens de consumo, às afetividades dentre outros impedimentos a uma vida em sociedade.

Na maioria das vezes, a falta de acesso que esses corpos encontram durante toda sua vida contribui ainda mais para a construção de traumas, fobias e problemas de convívio social desde a infância até a fase adulta, e, por essa razão, percebemos que a dimensão moral estética ou vinculada à saúde é subjacente a uma questão que se faz cada vez mais evidenciada: a moralidade. Também foi percebido que algumas mulheres buscam ressignificar suas dores, raivas e traumas por meio da pesquisa, ativismo e luta antigordofobia.

Gordofobia e a acessibilidade negada

Para entender a falta de acessibilidade da mulher gorda em nossa sociedade, primeiro temos de esclarecer que existe uma confusão generalizada sobre a estigmatização do corpo gordo. É preciso entender a diferença entre pressão estética e gordofobia, que não são a mesma coisa e confundi-las leva à incompreensão ou banalização desse estigma.

A pressão estética é uma opressão que todo mundo sofre, as magras, as gordas, loiras, altas, negras e baixas, porque existe uma opressão a todos os corpos para acompanharem, buscarem e conquistarem o corpo padrão socialmente, ou seja, o corpo magro, malhado, branco, etc. Como é muito difícil o alcance dessa padronização, o descontentamento com o próprio corpo é geral, o que afeta também homens e todos os gêneros existentes. Mas não estar satisfeito com o corpo que possui e ser excluído de acessos que são direitos utilizados pelos demais cidadãos pelo fato de ser gordo são coisas bastante diferentes.

Criado pela Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO), a Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta um Mapa da Obesidade sobre o crescimento da obesidade e o sobrepeso no país. A projeção indicada pela OMS para 2025 é que “cerca de 2,3 bilhões de adultos estejam com sobrepeso; e mais de 700 milhões, obesos.” (ABESO, 2017).

Pesquisas apresentadas pela BBC (British Broadcasting Corporation), o Brasil é considerado um dos países com mais “obesos” no mundo. As mais afetadas são as mulheres, que ocupam o 5º lugar no ranking. O mundo está, cada vez mais, com mais pessoas consideradas “obesas”, e esse número, apesar de todo um aparato institucionalizado dentro da saúde que alerta os riscos dessa condição e cria estratégias de combate, só vem crescendo.

Dentro desse panorama, podemos constatar que as pessoas gordas no Brasil e no mundo são muitas e com tendência a aumentar em número e, mesmo assim, apesar do insuficiente surgimento de algumas conquistas, os espaços e bens públicos e privados estão cada vez menores, os assentos dos aviões, por exemplo, ou as catracas de ônibus estão cada vez mais estreitos e essa é uma instrumentalização capitalística: onde se cabe mais pessoas, se ganha mais dinheiro. (LIPOVETSKY, 2016).

Não é perceptível uma preocupação com a acessibilidade para essa fatia que compõe mais da metade de habitantes no mundo - segundo Organização Mundial da Saúde OMS, mais de 57% da população - o que se vê é o contrário, fica essa pergunta: Se se trata de maioria, porque o mundo não é feito para os gordos? A resposta não é difícil: a maioria numérica jamais significou a maioria em termos de poder e acesso, como podemos aludir ao pensar nos preconceitos sociais, raciais, de gênero, capacitista, etc.

As raízes do ativismo gordo, que nasceu nos Estados Unidos, vinculado ao movimento *hippie* e feminista, na década de 70, conhecido como *Fat Underground*, surgiram depois do falecimento da cantora Cass Elliot, considerada uma morte ocasionada por negligência médica. (DEAN; BUSS, 1975). Após esse caso, passaram a perceber outras omissões e preconceitos que eram até então invisíveis. De lá para cá, percebe-se a existência de inúmeras negligências, impedimentos, violências e exclusões com as pessoas gordas, e a urgência na denúncia da violência que a gordofobia causa a esse grupo de pessoas no mundo.

Neste trabalho foi importante ouvir mulheres gordas e suas histórias, dores no que tange a sofrer gordofobia desde suas infâncias e como isso afeta o direito ao acesso, já que a falta de acessibilidade que essas mulheres encontram as impedem de exercer uma vida no exercício pleno de seus direitos em razão de questões principalmente morais.

Experiências da gordofobia, e o acesso negado

A gordofobia da e na família pode acontecer de diversas maneiras, mas está centrado em não aceitar o familiar gordo, já que se acredita que ele é gordo por ser preguiçoso, folgado, incapaz, sujo e, portanto, é visto como causador de vergonha aos demais membros do grupo familiar. Dessa maneira, o grupo ou alguns indivíduos rejeitam a presença da pessoa gorda nas celebrações, na mesa, em viagens, fotografias, reuniões, etc.

Nos depoimentos que coletei, pode-se observar que, muitas vezes, o primeiro contato que o indivíduo tem com a gordofobia é a própria família, instituição em que

acreditamos ser a que nos sentimos mais protegidos, mas para uma pessoa gorda pode ser a mais cruel, e essa estigmatização começa geralmente desde muito cedo:

Minha filha de 8 anos é gorda desde que nasceu, já fiz de tudo com ela, natação, ballet, nutricionista, ginástica, academia infantil, mas ela emagrece alguns quilos e depois engorda de novo, ela puxou a família do pai que é todo mundo gordo lá, ela não obedece, é rebelde. [...] Sei que ela sofre, as outras crianças a xingam de baleia, rolha de poço. Eu não sei mais o que fazer, ela come escondida eu tenho certeza, o médico e eu já falamos da possibilidade de quando ela estiver um pouco maior fazer a bariátrica, ela precisa, as vezes a nutricionista e a psicóloga me culpam por isso, mas eu não sei mais o que fazer, é como se eu não conseguisse enfiar na cabeça dela que ela precisa emagrecer para ter saúde. [...] Não gosto de sair com ela na rua, as pessoas ficam olhando, comentando, a professora dela me perguntou uma vez como eu tão esbelta e bonita poderia ter uma filha gorda daquele jeito, estou em desespero não sei mais o que fazer, as vezes tenho vontade de bater nela, mas não posso [sic]. (JOANA, 32 anos, 2018)¹.

A família na maioria das vezes acredita que a pessoa é gorda porque quer e deve ser punida por isso, essa culpa é aceita pela pessoa gorda, trazendo muitas dores e sofrimentos a esses corpos e histórias,

Eu me cortei duas vezes, tomei remédios e quase morri, fiquei internada e amarrada em casa porque me batia e me cortava, foi muito ruim, sofri muito e o que desencadeou toda essa dor em mim foi uma piadinha na faculdade porque cai na escada em frente a um grupo de colegas que riam e diziam que eu parecia gelatina caindo, aquilo acabou comigo, mesmo fazendo terapia há muitos anos e mais magra seis quilos não adiantou para lidar com aquela situação, foi a cereja em cima do bolo de bosta que a sociedade apoiada pela minha mãe que sempre teve vergonha de mim. [...] hoje tenho tentado sobreviver no ativismo, mas ainda não estou legal, moro sozinha e me distanciei das pessoas que me humilhavam, estou tentando construir uma vida mais digna para mim [sic]. (DIANA, 27 anos, 2016).

Muitos depoimentos mostram que essa pressão da família acompanha essas pessoas desde crianças, algumas conseguem se libertar, mas muitas continuam sofrendo com a cobrança, já que acreditam que são culpadas e merecem sofrer gordofobia,

Tenho 25 anos e minha mãe diz que parece que eu tenho 50 anos, ela sempre fez isso, me humilhou com a idade, me chama de hipopótama e preguiçosa, me chama de gorda, desde que eu me lembro ela me maltrata. [...] Um dia estava conversando com meu pai que quase nunca participou da minha vida que minha mãe me maltratava, ele chamou ela pra conversar e ela se justificou dizendo que fazia isso para eu emagrecer, sair da cama, que eu envergonhava ela, que minhas

¹Todos os nomes das mulheres gordas entrevistadas são fictícios. Optamos por transcrever os depoimentos, conversas como eles foram apresentados, falados ou escritos literalmente, dessa maneira aparecerão em itálico.

irmãs não eram assim. [...] Meu pai ficou a favor dela e disse que pagava minha bariátrica, eu fiz e tive problemas no coração na mesa de cirurgia, estou com um marca-passo, 42 quilos mais magra e continuo sendo excluída por elas, triste e sozinha, eu quero morrer, não tenho vontade de viver, já tentei algumas vezes me matar tomando todos os remédios da minha mãe de uma vez só, não morri, fizeram uma lavagem estomacal em mim e melhorei. Minha psicóloga apoiou meu emagrecimento e me disse que eu ia ser mais alegre se fosse magra, hoje ela me disse que se arrependeu de ter me dado esse conselho, eu gosto dela, mas acho que ela é gordofóbica também [sic]. (HELENA, 25 anos, 2019).

Ou ainda,

Sair para almoçar fora com minha família pra mim é um pesadelo, geralmente as cadeiras são pequenas e frágeis, os espaços entre as mesas são minúsculos, o banheiro eu não entro, é muito constrangimento, mas o pior são os olhares de reprovação de minha própria família, fico muito mal, toda a sociedade inclusive minha família me culpa por eu ser gorda e depois querem falar disso: Que tenho que emagrecer, fazer alguma coisa, que estou doente. Tentei me suicidar duas vezes, a última fiquei internada dois meses no hospital e depois fiz a bariátrica, sofri tanto, tenho vários problemas de saúde que antes não tinha, antes eu era gorda, agora sou gorda e doente [sic]. (BALEIA, 2017).

Desde muito pequenos, as pessoas gordas aprendem a odiar o próprio corpo, através das pessoas que mais amam. Além de não se sentirem aceitas, elas mesmas não se aceitam e podem inclusive se auto agredir, como o discurso de Diana reproduzido acima. O que dificulta enxergar o preconceito é que a estigmatização e agressão é realizada em nome de um dos sentimentos mais legitimados socialmente, o amor, pela instituição considerada base da sociedade, a família, e em nome do capital mais valorizado na contemporaneidade, a saúde. Contudo, independente das boas intenções que se tenha, os depoimentos mostram históricos de muita tristeza, dor, humilhações e uma luta constante com a balança, causando inúmeros transtornos durante a vida que muitas vezes leva à vários outros distúrbios, inclusive à depressão e suicídio.

Consumo proibido que impulsiona o emagrecimento

Os produtos especializados para mulheres gordas, no caso de roupas e acessórios, existem, no mercado, em menor número do que aqueles para as pessoas magras. A inversão na quantidade dirigida a um público específico ocorre em relação aos produtos que tem como propósito emagrecer, mas que servem também pra que os magros não venham a se tornar gordos.

As marcas de roupas que estão no mercado para suprir uma dificuldade repetidamente falada pelas entrevistadas têm sua procura expandida, mas a oferta não

acompanha a busca. Esse fenômeno acaba tornando o produto bem mais caro em relação ao que já existe no mercado para pessoas magras. Por exemplo, uma camiseta em numerações maiores pode ter o valor triplicado em comparação com os tamanhos P, M e G. Outra queixa frequente são as poucas opções de modelos disponíveis, como se a roupa, ao contrário de tudo que estudamos sociologicamente sobre os sentidos do vestir, significasse tão somente cobrir o corpo, Veste-se o que se cabe e não o que se quer, o que, em última instância, retroage negativamente na construção de uma identidade que, como já foi bastante discutido, os estilos de roupa tem papel fundamental.

Na maioria dos casos, pode-se perceber que, além da dificuldade de o mercado superar o preconceito de estar apoiando a “epidemia da obesidade”, oferecendo produtos para esses corpos, a oferta ainda é insignificante, levando em consideração que mais da metade da população do país está acima do peso.

A obsessão pela magreza, em nossa sociedade, acaba influenciando o que a pessoa gorda acessa. Muitos produtos não existem em tamanhos grandes, para deixar claro aos consumidores que a marca não faz porque não apoia corpos maiores:

Dessa maneira, restringem-se marcas e produtos aos corpos que saem desse padrão que é considerado midiaticamente e cientificamente saudável e belo, punindo o corpo dissidente com a falta de acesso a certos bens.

Quando eu era magra usava sempre a marca x, eu sou fã, sei que são caras, que não é qualquer uma que pode comprar, mas eu posso então meu closet sempre teve muitas roupas dessa marca. Quando tive minha segunda filha, as roupas começaram a não caberem mais, e eu as guardei para usar depois que fizesse um regime, tentei alguns anos não consegui. Um dia fui numa loja no shopping Morumbi, loja que sempre comprava e falei com a gerente que a moda plus size estava crescendo que será que eles não tinham vontade de atingir esse mercado, ela me olhou com uma cara de nojo e respondeu que a marca x não apoia a obesidade, apoia corpos com saúde, magros belos e saudáveis, sai de lá muito mal, foi quando decidi operar e fazer a bariátrica [sic]. (BARIÁTRICA – Vencendo Desafios e Realizando sonhos, 2018).

Desse modo, não entrar nos espaços, não caber nos bens, obriga o corpo a modificar seu tamanho e essa obrigação pode ser vista como um dispositivo disciplinador, como nos alerta Michel Foucault (1999) para os dispositivos que subjagam os corpos e os desejos dos indivíduos, estabelecendo padrões de normalidade e tratando clinicamente os que se desviam desses padrões, no caso, o tamanho do corpo aceitável e valorizado em nossa sociedade.

Uma vez eu estava com amigos e a cadeira que estava sentada quebrou e eu cai e machuquei minha cabeça, dei seis pontos e passei muita vergonha, sangrou muito, mas eu só me preocupei com o constrangimento que tinha passado na frente de um barzinho que frequentava na época, fui para o hospital chorando, mas não era pela dor da queda e sim pela dor de ter quebrado a cadeira. O dono do barzinho me socorreu, mas me disse que aquilo era pelo meu tamanho que eu não cabia mais numa cadeira. [...] No hospital o médico que me atendeu continuou com o discurso que eu tinha que diminuir de tamanho para parar de passar por aquilo, eu sofri muito durante seis meses querendo emagrecer, quando vi que sozinha não conseguia fiz a bariátrica [sic]. (BARIÁTRICA – Vencendo Desafios e Realizando Sonhos, 2018).

Mulheres gordas são proibidas de consumir certos bens, como roupas, lingerie, cadeiras, calçados, que reafirma socialmente que esses corpos devem permanecer às margens da sociedade, estigmatizando, então, o corpo gordo como asqueroso e monstruoso.

Muitas marcas ainda carregam esse estigma para dentro de seus planos de marketing, não querendo associar sua identidade aos corpos gordos, que remetem ao fracasso e a coisas ruins. Um exemplo desse comportamento no universo empresarial é o que aconteceu com a marca Michelin, de pneus, que tinha, nos anos 50, um mascote gordo e que, nos anos 90, tornou-se magro; a repulsa é tanta que até as latas de refrigerantes diminuíram e afinaram:

A leveza costuma associar argumentos utilitários e estéticos: bom e belo, saudável e elegante, rápido e agradável, eficiente e moderno, competente e suave, prático e sublime, limpo e sedutor, etc. A estética da leveza raramente aparece sem o seu discurso de marketing. (LIPOVETSKY, 2016, p. 17).

Alguns bens parecem não estar viabilizados para o uso das pessoas gordas, já que são percebidas como escória, tristes, fracassados:

Eu nunca tive uma calcinha decente na vida, NUNCA! Sempre usei calçola de velha, de vó, quando achava, minha mãe mandava fazer e eram horríveis, tinha vergonha delas, por isso não usava, eu lembro que há cinco anos atrás eu ficava enrolada num lençol em casa e quando chegava visita eu entrava no quarto, eu não tinha roupa, não tinha calcinha nem sutiã, sair de casa nem pensar, só quando era obrigada. Hoje eu fiz um curso de costura e faço minhas roupas, uso o que gosto, mas ainda não consigo comprar em lojas, sempre são muito caras [sic] (GLORIA, 32 anos, 2017).

Muitas mulheres não conseguem comprar roupas, móveis, colchões, sapatos para corpos maiores, principalmente quando estamos falando da maioria da população que vivem com baixo acesso a bens de consumo de maneira geral.

Não caber nos espaços, roupas, produtos e bens é uma forma de consentimento ao discurso da obsessão pela magreza, justificado por saúde, e talvez exista um mercado muito maior por trás dessa falta de acessibilidade aos bens em relação aos corpos gordos já que não caber o tempo todo nessa sociedade faz com que a maioria desses corpos busque emagrecer a qualquer custo para se encaixar dentro dos bens oferecidos pelo mercado. E, de modo ainda mais grave, encontrem o imenso mercado do emagrecimento.

A saúde é violenta

Mesmo quando se usa a ideia de obtenção de saúde, a exclusão de pessoas gordas permanece, inclusive ao acesso indiscriminado a própria saúde que tanto lhes cobram. Trata-se de um jogo perverso de exclusão de pessoas desde suas infâncias, em grande parte dos casos, por serem gordas, já que quando as instituições percebem uma criança gorda disparam vários procedimentos e ferramentas para o emagrecimento, culpabilizando a criança e seus responsáveis, fomentando nessa relação e de perseguição a esses corpos, traumas de rejeição ao próprio corpo, medos e fobias que irão acompanhar essas vidas pela adolescência, criando quadros depressivos diversos, chegando a fase adulta com problemas sérios de sociabilização, psicológicos e autoestima.

Desde que me entendo por gente sou gorda, minha família é toda magra, mas porque todo mundo malha muito, vive em regimes, todas minhas tias já fizeram bariátricas, minhas primas vivem na academia e um objetivo familiar, principalmente das mulheres da minha casa é se manter magra. Eu nunca consegui essa proeza, sempre volto a engordar, eu tenho muitos problemas psicológicos, já fiquei internada em hospitais psiquiátricos, já tentei acabar com tanto sofrimento, mas não deu certo, minha irmã me salvou. Hoje eu tento levar a vida focada no meu trabalho, e esquecer esse negócio de emagrecer que acabou com minha saúde, tenho vários problemas intestinais e de metabolismo, como consequência de dietas restritivas com medicação que fiz com indicação de médicos e de tanto frequentar esses lugares, eu mesma me medicava e inventava dietas porque precisava emagrecer muito rápido [sic]. (MARIA, 36 anos, 2019).

A indústria do emagrecimento, com cirurgias e medicamentos mobiliza a esperança de aceitação e conformação à magreza que pode levar a diversos problemas de saúde ao invés de mina-los, como seria o objetivo.

A associação de uma pessoa gorda a uma pessoa doente é considerada uma manifestação gordofóbica, porque existem pessoas magras doentes também e não se vislumbra a existência de alguém em estado pleno de saúde. Segundo o discurso médico vigente, pode ser que a pessoa “obesa” desenvolva algumas complicações e doenças no

seu corpo pelo excesso de peso e, por isso, é considerada doente assim que adentra o espaço médico.

Contudo, sabe-se que qualquer pessoa sedentária, que se alimenta mal, dorme mal ou que vive em regimes restritivos (ou não) pode desenvolver alguma complicação ou doença, já que basta estar vivo para poder ficar doente.

A gordofobia, então, acontece quando o corpo gordo é diagnosticado como doente, mesmo quando não se fez nenhum exame para detectar algum problema de saúde. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2018). Isto é, a gordofobia é uma discriminação muito mais profunda do que parece e carece de uma análise crítica sobre essa situação, já que desencadeia momentos constrangedores e humilhantes, mas principalmente elimina direitos sociais daqueles que são considerados pela sociedade como incapazes.

Como vimos anteriormente, a gordofobia extrapola o que se chama de opressão estética, pois é uma discriminação que leva à exclusão social, visto que os corpos gordos perdem a humanidade, são estigmatizados, humilhados e banidos do convívio social, o que se dá de várias formas e em muito depende dos tamanhos dos corpos em questão.

Apesar de os casos serem muitos e diversamente localizados nos espaços físicos e sociais, selecionamos para a análise as seguintes exclusões:

Direito ao cuidado negado

São inúmeros os casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais, por não serem diagnosticadas a tempo no consultório médico. (WALKER, 2017 apud JIMENEZ-JIMENEZ, 2018). Um gordo, quando entra em um consultório médico buscando solução para qualquer dor ou sintoma, automaticamente é diagnosticado como obeso e a recomendação é sempre emagrecer:

No dia mais alegre da minha vida, entrei na sala de parto e ouvi o médico e sua equipe me chamarem de hipopótamo, que logo nasceria um filhote de banha, estava anestesiada, mas ouvia as falas da equipe médica que me deixou muito insegura e com medo, depois do parto e graças a deus deu tudo certo, no quarto com meu marido e mãe, quando o médico passou na sala como de praxe, eu falei para ele o que tinha acontecido e que tinha ouvido, ele negou e disse que a anestesia deixava as pessoas assim meio birutas. Eu e minha família ficamos super nervosas, fomos falar na administração do hospital e o diretor da obstetrícia que nos atendeu nos pediu desculpa e terminou a conversa dizendo que uma mulher de 140 quilos deveria fazer a cirurgia bariátrica e que aquele parto ter saído bem era um milagre, gente no dia mais importante da minha vida eu tive que lidar com essa tal de gordofobia [sic]. (CATIA, 32 anos, 2017).

Ou ainda,

Eu fui internada num hospital porque estava com hemorragia e não tinham aparelhos, nem macas para que eu realizasse os exames. As enfermeiras riam de mim, o médico me disse que ninguém tinha mandado eu comer tanto, que deveria ter pensado que isso ia acontecer. Gente! Eu fiz a merda de ir sozinha, eles acabaram comigo até minha prima chegar e fazer o maior barraco naquela merda. Ai me mandaram para um haras perto aqui da minha cidade porque não tinha aparelho pra mim, eu não fui de vergonha. Entramos com processo pela discriminação, mas eu não consigo parar de pensar nisso, e chorar. Eu sou um monstro e é assim que a sociedade me vê. Me ajudem gurias eu estou pensando em suicídio [sic]. (JULIA, 34 anos, 2018).

Essa falta de acesso da população gorda mundial é perigosa porque pode matar:

São inúmeros casos de pessoas gordas que morrem com doenças fatais, por não serem diagnosticadas a tempo no consultório médico. Já que, um gordo quando entra no médico para reclamar de qualquer dor ou sintoma que sente, automaticamente é diagnosticado como obeso e deve urgentemente emagrecer. (JIMENEZ-JIMENEZ, 2018).

Assim, a doença, que pode ser fatal, se agrava, não sendo diagnosticada a tempo e levando o indivíduo a óbito:

Minha irmã morreu de câncer nos ovários, ela foi algumas vezes em médicos com reclamações de dores na região, sangramento exagerado na menstruação, mas os médicos sempre falavam que era para ela emagrecer, quando ela descobriu o câncer já era tarde. Ela morreu pela gordofobia institucionalizada na medicina no Brasil e isso me levou a pesquisar mais sobre o assunto e virar ativista, eu não queria acabar como ela [sic]. (JULIA, 40 anos, 2017).

Em nome da saúde, se nega saúde aos corpos gordos, se confunde atenção primária a saúde como direito de todo cidadão, a pré julgamentos pelo corpo não normatizado em nossa sociedade.

Cadeiras que machucam

Para uma roda de conversa sobre gordofobia que organizei em 2018, foi preciso buscar, no mercado, cadeiras em que coubessem o público esperado para o evento — pessoas gordas — e não se encontrou tão facilmente, ligamos para fábricas e distribuidoras na busca por cadeiras maiores e resistentes, foi realizado pedidos de ajuda para amigos, e alguns dos comentários sobre essa busca foram:

Eu já pensei em produzir cadeiras para pessoas gordas aqui na fábrica, mas depois deixei para lá, talvez isso não fosse legal pra minha empresa, apoiar a obesidade, essas pessoas precisam emagrecer para caberem em cadeiras normais [sic]. (JOÃO, empresário, 2018).

Ou ainda,

A maior cadeira que tenho aqui para aluguel é essa, mas acho difícil você conseguir cadeira pra gente que pesa mais de 100 quilos essas

peessoas nem saem de casa, estão doentes, não se mexem, não andam, você deveria pensar em outra coisa, isso ai que você quer é muito esquisito, você vai apoiar essa gente ser assim, enorme e doente [sic]? (LUANA, vendedora, 2018).

[...] tentei ver com alguns amigos da minha área na saúde se alguém tinha cadeiras grandes e você não vai acreditar? Coloquei lá no grupo do WhatsApp e foi uma crítica enorme em cima de mim, primeiro com a palavra gorda, que eu estava sendo preconceituosa, que poderia usar obeso, que gordo é ofensivo e depois que eu estava apoiando eventos que vangloriam a obesidade e incentivam as pessoas a comerem muito e depois não acham cadeira, foi horrível saber que meus companheiros de profissão na saúde pensam assim do corpo gordo, amiga precisamos conversar [sic]. (LAURA, 33 anos, 2019).

Esses depoimentos mostram a falta de produção de bens para os corpos gordos no mercado em grande escala está ligada muito mais a uma questão moral do que prática ou de mercado propriamente dita, pois não é público consumidor que está faltando. “Em função das consequências sociais negativas que ela provoca, a obesidade pode ser considerada, nas sociedades ocidentais desenvolvidas, como uma verdadeira deficiência social.” (POULAIN, 2013, p.18)

No transporte público, a população que é gordofóbica se comporta de maneira agressiva para a pessoa gorda, como se ela merecesse sofrer retaliações por estar gorda,

Sempre, sempre, SEMPRE que alguém senta do meu lado, assim que possível, decide sentar em outro assento, pois o espaço é pouco para as duas pessoas, ou quando não existe essa possibilidade, as pessoas simplesmente começam a me esmagar no banco. O que eu pensava antes sobre isso era que a culpa era minha, afinal eu não estava cabendo ali no banco do buzão. Mas teve um dia, que eu comecei a pensar que, na verdade os bancos é que são pequenos! Não sei em outras cidades, mas em São Paulo, em geral, o tamanho dos bancos não comporta o tamanho das pessoas, mesmo que não sejam gordas. Se for lotação, ou nos novos vagões do metrô, piorou: cada vez menores [sic]. (FLAVIA, 30 anos, 2018).

Sempre que penso na falta de acessibilidade do meu corpo gordo penso nas malditas cadeiras de plástico que viraram uma escolha comum por aqui, os bares, restaurantes, shows, festas de aniversários, nas escolas, tudo tem cadeira de plástico que além de na maioria das vezes serem pequenas, também são frágeis [sic]. (DEPOIMENTO da AUTORA).

A experiência com as cadeiras de plástico, geralmente brancas, vivida pela autora desse artigo encontra recorrência em inúmeros casos, um deles aconteceu em um programa de TV, esses de auditório: uma mulher deu seu testemunho, muito emocionada, sobre como tinha emagrecido 30 quilos, depois de quebrar uma cadeira de plástico numa festa de encontro dos amigos da faculdade, após 15 anos da formatura. Após essa

experiência, comecei a pesquisar na internet e observei que esse depoimento relacionado a quebrar a cadeira com emagrecer era mais recorrente que se imaginava.

Eu estava num barzinho com uma amiga e a cadeira quebrou, eu caí no chão e todos começaram a rir. Cheguei em casa e entrei num regime severo, emagreci 20 quilos e nunca mais emagreci, tenho horror só de lembrar do dia, mas foi importante para me mostrar que estava muito gorda e tinha que emagrecer a qualquer custo [sic]. (MONICA, 22 anos, 2019).

Essas falas são muito importantes por dois motivos: demonstram como acontece a gordofobia e como nossa sociedade não está preparada para lidar com o corpo gordo e o culpa por isso, trocando, assim, a responsabilidade social de atender as demandas da população, como espaço, por culpabilização de quem está gordo e não se encaixa nas coisas que não foram feitas para encaixar.

O primeiro motivo é sobre a própria cadeira, já que as pessoas falam sobre quebrar a cadeira de plástico como se fossem cadeiras de madeira maciça, fortes e, de tão gordas e pesadas, as pessoas acabaram quebrando algo que é inquebrável.

Pesquisando sobre essas cadeiras percebemos que não existe uma fiscalização sobre o quanto elas aguentam de peso. Um amigo, por exemplo, que pesa 70 quilos e mede 1,75 metro, contou numa conversa que também tem dificuldade em sentar numa cadeira dessa e não é considerado gordo pelo IMC. O que queremos dizer com isso é que a cadeira de plástico é muito frágil para qualquer um, como indicam pesquisas do Inmetro:

Os resultados dos ensaios evidenciam que há problemas quanto à qualidade das Cadeiras Plásticas encontradas no mercado nacional é de não estarem de acordo com os requisitos da Norma. Das 12 (doze) marcas analisadas, apenas 3 (três) foram consideradas adequadas para uso residencial e para uso não residencial. (INMETRO, 2012).

Em um depoimento, um dono de bar, que usou cadeiras de plástico por muito tempo, revela que já respondeu um processo por um acidente com esse tipo de cadeira:

Eu tenho o bar há 12 anos e sempre usei cadeira de plástico porque é barato e prático, sempre aconteceram acidentes com essas cadeiras porque elas não aguentam o peso que diz que aguentam e tem muita fábrica que não passa por testes, fora que com o uso elas vão rachando, ficam mais moles e a gente nem sempre tem tempo de ficar olhando isso, os dois acidentes que aconteceram mais graves aqui no bar foi de uma adolescente que estava com os pais que caiu e machucou a cabeça e o último que fez eu tirar as cadeiras de plástico e substituir por de madeira, a moça caiu e quebrou o braço, ela me processou e ganhou. [...] ela não era gorda não, mas a cadeira não a aguentou, não sei porque. As pessoas sentam nas cadeiras de plástico como se estivessem no sofá de casa aí já viu né [sic]. (JOÃO, dono de bar, 2018).

Como vimos, as cadeiras de plástico não são confiáveis e causam acidentes com todo o tipo de pessoas, não só com as gordas, mas é claro que, como somos mais pesados, estamos mais suscetíveis a esse tipo de acidente. Contudo, as cadeiras devem aguentar todo tipo de pessoa e isso é uma responsabilidade social, não individual, já que são espaços públicos. O Estado deveria fiscalizar e exigir que as cadeiras agentassem todos os pesos sem que ninguém corresse qualquer risco.

Outro motivo que quero expor é que as pessoas que são magras e acompanham os gordos, ou funcionários e proprietários desses estabelecimentos, sempre responsabilizam os gordos quando há qualquer manifestação sobre o tamanho dos assentos.

Assim, corpos que estão na categoria de “normais” acabam por estigmatizar e excluir os corpos entendidos como aberrações. Às vezes, o comportamento frente a uma gorda é de que esse tipo de corpo, o gordo, pode contagiar outros corpos com sua gordura.

Ser uma pessoa gorda em nossa sociedade é perder direitos, direitos bastante corriqueiros para quem os tem e, por isso, muitas vezes, passam até despercebidos, como sentar numa cadeira confortável no restaurante, ser tratada com dignidade e humanidade pela equipe médica, usar os transportes públicos com confiança e comodidade. A gordofobia tira todos esses direitos do indivíduo gordo e o culpa por isso.

Ser gorda é ser humilhada diariamente e excluída todos os dias, quando pesava 130 quilos não saía de casa porque todos ficam te olhando e julgando, olham com ar de desprezo, de nojo. Em qualquer lugar que você entre isso vai acontecer, no ônibus, na escola, no shopping, restaurante, estacionamento, ônibus, praças e parques é sempre a mesma coisa. Você vira o centro da malhação humana. Agora peso 90 quilos, fiz duas bariátricas e já fui magra, mas fiquei mexida com toda essa exclusão que sofri, era magra, mas desenvolvi fobia social, aqui no grupo que percebi que muitas pessoas gordas mesmo depois do emagrecimento desenvolvem essas coisas fobia social, medo de sair de casa. Isso é tão horrível, preciso viver, ser livre me ajudem meninas [sic]. (GORDA, 2017).

A gordofobia chega a ser tão profunda que quando se discute a acessibilidade para essa quantidade de pessoas, muitos ouvintes confundem a reivindicação de direitos e dignidade com apologia à “obesidade”, sem entender o que significa não ter acessibilidade ao básico, e que esse acesso é um direito constitucional, humano e de dignidade.

Considerações finais

Para alguns pesquisadores, existe uma moral associada ao corpo gordo que justifica socialmente a não acessibilidade do corpo gordo a espaços sociais e privados, já que são indivíduos considerados menos atraentes fisicamente, o que acaba limitando muito suas relações sociais, afetivas, sexuais e emocionais. (MATTOS, 2012); (POULAIN, 2013); (LIPOVETSKY, 2016); (ARRUDA, 2018); (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020). Em muitos depoimentos, isso denuncia o estigma associado a moral.

O mundo é planejado para os magros, basta ser gordo para experimentar o quanto os espaços e as coisas são construídos de tamanhos cada vez menores, as roupas são pequenas, as cadeiras e assentos são frágeis e estreitos. As pessoas gordas que aparecem nas mídias sempre são consideradas coitadas, que devem diminuir de tamanho, doentes, preguiçosas ou engraçadas e desajeitadas.

É verdade que as pessoas gordas estão em situação de vulnerabilidade, e a maioria da população não tem nenhum conhecimento acerca dos direitos a assentos e auxílio especiais que apesar de estarem crescendo graças a pressão do Ativismo Gorde, ainda se mostram insuficientes. As pessoas gordas, frequentemente, se sentem desconfortáveis ao solicitar assistência, pois quase sempre existe um constrangimento público dispensado a elas.

Muitas dessas mulheres não se sentem livres para exigir seus direitos. Isso acontece porque a maioria das pessoas se incomoda com o espaço (físico, social e simbólico) que as pessoas gordas ocupam. Esse incômodo é manifestado de diversas maneiras: com olhares de reprovação ou repulsa, reclamações em tom alto publicamente, de como o gordo tem que emagrecer para conquistar direitos, já que geralmente a culpa do sujeito estar gordo é dele mesmo, por não ter evitado o aumento corporal adquirido.

Diante do tudo que venho pesquisando desde 2014, posso inferir que a gordofobia é um preconceito estrutural e institucionalizado porque transpassa todas as áreas da vida no cotidiano social. As pessoas gordas não conseguem trabalho, roupas, cadeiras, carreiras, assistência médica, mesmo quando possuem condições financeiras. São corpos excluídos estrutural e institucionalmente em nossa sociedade contemporânea, o que leva, em última e grave instância, à perda da humanidade, porque todos os direitos humanos começam a ser negados institucionalmente a esse corpo. A ideologia vigente é que o corpo gordo não é humano e, portanto, não tem o direito de ser tratado como todos os seres humanos.

E essa ideologia vem se atualizando dentro de discursos vigentes de defesa da saúde, bem-estar e felicidade. Outro ponto a se pensar é a socialização construída sobre o corpo gordo nesse processo de formação de sujeitos, em que

(...) internalizamos modos de agir e pensar herdados da tradição. A desconstrução é o processo de questionamento desses valores e crenças herdados e a mudança a partir da revisão dos mesmos. As instituições, que deveriam fazer cumprir os ideais humanistas, terminam por perpetuar a opressão. (NIGRI, 2017).

Dessa maneira, a gordofobia está enraizada na formação social brasileira e mundial e dificilmente é percebida pelos sujeitos. Importante notar que a gordofobia não é um estigma focalizado apenas na mulher, contudo a força da gordofobia em nossa sociedade é sutil, mas muito profunda e habitual no sistema patriarcal, numa sociedade disciplinar e capitalista, no qual a mulher é tratada como um ser inferior ao homem.

Referências

- ARRUDA, A. de S. *O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade*. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação). – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, 2019.
- BALEIA. Grupo de pessoas gordas e body positive. (2016, 2017, 2018, 2019). Disponível em https://www.facebook.com/groups/baleiazinha/?ref=br_rs.
- BARIÁTRICA - Vencendo Desafios e Realizando sonhos. Grupo de pessoas que já fizeram ou farão o procedimento. (2015, 2016, 2017, 2018, 2019). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/32606784777119/>.
- CARR, Déborah; FRIEDMAN, Michael. *Is obesity stigmatizing? Body weight, perceived discrimination, and psychological well-being in the United States*. Journal of Health and Social Behavior, v. 46, set. 2005. p. 244-249. (tradução nossa).
- DEAN, Marge; BUSS, Shirl. *Fat Underground* [video], 1975. Disponível em <https://youtu.be/UPYRZCXjoRo>. Acesso em 16/07/ 2016.
- DOURLEN, Michele. *Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu*. Narcisismo, masoquismo, fanatismo. In: Marson, I. e Naxara, M. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- GORDA. Grupo Facebook de mulheres gordas para mulheres gordas. (2016, 2017, 2018, 2019). Disponível em <https://www.facebook.com/mulhergorda/>.
- INMETRO. Ministério do desenvolvimento, indústria e comércio exterior instituto nacional de metrologia, qualidade e tecnologia – INMETRO. Cadeiras Plásticas, 2012. Disponível em <http://www.inmetro.gov.br/consumidor/produtos/cadeira.asp>. Acesso em 03/05/2019.
- JIMENEZ-JIMENEZ, Maria, Luisa. *Gordofobia: uma questão de perda de direitos*, 2018. (Blog/Facebook). Disponível em <http://www.todasfridas.com.br/2018/03/11/gordofobia-uma-questao-de-perda-de-direitos/>. Acesso 05/05/2019.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria, Luisa. Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO) - Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Cuiabá, MT, Brasil. Disponível em: <http://lutecomoumagorda.home.blog/tese-de-doutorado-lute-como-uma-gorda-gordofobias-resistencias-e-ativismos>

LIPOVETSKY, Gilles. *Da leveza: rumo a uma civilização sem peso*. São Paulo: Manoele, 2016.

MATTOS, Rafael. *Sobrevivendo ao estigma da gordura*. São Paulo: Vetor, 2012.

NIGRI, Yasmin Dear. *White People: o que é racismo institucionalizado?* Revista Caliban net, 2017. Disponível em <https://revistacaliban.net/dear-white-people-o-que-%C3%A9-racismo-institucionalizado-8495c41270b6>. Acesso em 22/01/2019.

POULAIN, Jean Pierre. *Sociologia da Obesidade*. São Paulo: Senac, 2013.